Como Citar:
Riemenschneider, F., Rodrigues, A. L. N., & Aiello-Vaisberg, T. (2023). Sonhos na investigação de imaginários coletivos à luz da psicologia psicanalítica concreta. In L. S. de P. Tardivo (Org.), E-book *21ª Jornada APOIAR: Adolescência – desafios, sofrimento e esperança* (pp. 213–221). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

SONHOS NA INVESTIGAÇÃO DE IMAGINÁRIOS COLETIVOS À LUZ DA PSICOLOGIA PSICANALÍTICA CONCRETA

Fabio Riemenschneider
Ana Letícia Nunes Rodrigues
Tania Aiello-Vaisberg
Universidade Estadual de Minas Gerais
Universidade de São Paulo

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo defender o uso de sonhos na pesquisa qualitativa com método psicanalítico sobre imaginários coletivos à luz da psicologia psicanalítica concreta. Organiza-se em duas partes. A primeira delas está dedicada a expor o contexto no qual surge a rejeição de Politzer à metapsicologia, bem como seu reconhecimento entusiasmado de que a psicanálise inauguraria uma psicologia concreta capaz de compreender os sonhos a partir da experiência emocional vivida pelo sonhador. Nesse momento, traçaremos, em linhas gerais, as consequências da crítica propositiva de Politzer nos desenvolvimentos do campo psicanalítico, para situar a emergência da psicologia psicanalítica concreta forjada por Bleger na Argentina. A segunda parte versará sobre o uso de sonhos na pesquisa sobre imaginários coletivos a partir da apresentação dos conceitos de conduta e campo de sentido afetivo-emocional.

Palavras-chave: sonhos; psicologia psicanalítica concreta; Bleger; Politzer; pesquisa psicanalítica

Quando se dispôs a estudar o fenômeno onírico, Freud (1900/2019) produziu uma obra magistral, que impactou fortemente o filósofo Georges Politzer (1929/2003), que nela viu uma contribuição verdadeiramente admirável que modificava radicalmente o campo da psicologia. Tal transformação corresponderia a uma descoberta revolucionária, uma vez que deixava de objetivar o sonho, para vinculá-lo à experiência vivida pelo sonhador, inaugurando uma ciência da subjetividade, uma ciência da “primeira pessoa”. Contudo, todo esse entusiasmo tinha um outro lado, dele indissociável, que consistia numa crítica rigorosa e num severo repúdio à metapsicologia, considerada como uma forma de teorização fisicalista, objetivante e abstrata, que traía de modo inaceitável a abordagem concreta da experiencia vivida, do drama vivido.

Esse livro de Politzer (1929/2003) tornou-se leitura obrigatória dos intelectuais

franceses, tendo sido utilizado proveitosamente por autores reconhecidamente importantes, como Merleau-Ponty (1945). Ao que tudo indica, também foi extensamente usado, ainda que sem ser devidamente citado, na tese de doutoramento de Lacan (1932/1978), conforme demonstra Mariguela (2005), em seu próprio doutorado, curiosamente intitulado “Jacques Lacan, o Passador de Georges Politizer: Surrealismo e Psicanálise”.

Não nos deteremos na apreciação de obras que de algum modo serviram-se do ensaio de Politzer (1929/2003), mas não deixaremos de lembrar que consiste numa crítica que resulta na proposição de uma psicologia psicanalítica concreta, que temos usado, com o imprescindível auxílio de Bleger (1958;1963/2997; 1966/2004), como fundamento teórico-epistemológico das pesquisas que realizamos[4]. Assim, podemos afirmar que a compreensão lacaniana é acertada quando diz que o filósofo faz um retorno à psicologia universitária, fato que assumiu amplas proporções durante alguns anos em que esta brilhou na Universidade de Buenos Aires, fazendo parte de iniciativas progressistas de transformação social que seriam brutalmente abortadas pela ditadura militar que se instaurou naquele país. Por outro lado, cremos que essa citação mostra, claramente, que Lacan (1969/1992) comete um sério equívoco de entendimento ao considerar que os relatos de sonhos seriam “fatos de linguagem”. Nesse ponto, sua visão estruturalista parece tê-lo impedido de entender que, em Politzer (1929/2003), as narrativas do acontecer onírico vinculam-se à noção de drama, vale dizer, à experiência emocionalmente vivida pelo sonhador.

De todo o modo, o que aqui mais nos interessa é salientar que se formou, entre os intelectuais franceses, uma concordância geral ao redor da afirmação politzeriana, formulada a partir do estudo psicanalítico dos sonhos (Freud, 1900/2019), sobre a vigência de uma duplicidade discursiva no texto freudiano. Contudo, malgrado a ampla aceitação da vertente crítica do texto, a proposta de solução daquilo, que percebia como uma importante incoerência epistemológica, praticamente não granjeou adeptos porque uma expressiva maioria dos estudiosos aceitou o argumento freudiano segundo o qual uma abordagem teórica, que pensasse o psíquico como um aparelho percorrido por energias impessoais, seria o preço a ser pago pela conquista de um estatuto de cientificidade para o novo campo de conhecimento.

[4] O leitor pode ter uma visão panorâmica das pesquisas realizadas se consultar o lattes da terceira autora.

Entende-se, portanto, a razão pela qual a psicanálise pós-freudiana pode ser pensada como um conjunto de propostas nas quais podem coexistir, conforme Greenberg e Mitchell (1983), dois paradigmas teóricos, o pulsional e o relacional, combinados de mais de uma maneira pelos diferentes autores. Ao que tudo indica, o campo psicanalítico[5] oferece, salvo melhor juízo, duas exceções a essa busca de conciliação entre as duas vertentes que o percorrem: a proposta de Bleger (1963/2007), leitor de Politzer (1929/2003), na América Latina, e a de George Klein (1976), que chegou à mesma visão, trilhando um caminho independente[6].

Ainda que a contribuição de George Klein (1976) possa ser considerada como bastante interessante, vamos aqui nos limitar a revisitar o referencial da psicologia psicanalítica concreta blegeriana, uma vez que nela temos baseado todo o nosso trabalho investigativo[7], bem como nossas proposições de enquadres clínicos diferenciados (Aiello-Vaisberg, 2004; Granato e Aiello-Vaisberg,2006). De todo modo, vale a pena lembrar que os rumos trilhados pela abordagem psicanalítica relacional contemporânea (Mitchell,1988), por meio da International Association for Relational Psychoanalysis and Psychotherapy (IARPP), possibilitaram o reconhecimento do valor teórico, epistemológico e clínico da obra de Bleger (1958;1963/2007; 1966/2004), vendo nele um precursor do paradigma relacional (Liberman, 2014). Nessa linha, a psicologia psicanalítica concreta pode ser hoje invocada como um caminho teórico-metodológico coerente e legítimo no campo da psicologia.

Os Sonhos e a Psicologia Psicanalítica Concreta

Alguns críticos têm apontado que a teorização blegeriana, que se faz claramente sob o paradigma psicanalítico relacional, recusando resolutamente o alto nível de abstração da perspectiva metapsicológica, não deveria ser vista como psicanálise, pelo fato de se assumir claramente como uma psicologia contaminada

[5] Vale lembrar que encontramos, fora do campo psicanalítico, muitos autores que adotam teorizações que podem ser consideradas concretas. Entre esses podemos citar, como exemplo, Umberto Galimberti (1979/2023), cujo pensamento se fundamenta no que podemos reconhecer como uma psicologia concreta fenomenológica.

[6] Politzer foi tardiamente traduzido para o inglês, mais precisamente em 1994, pela Duquesne University Press, vale dizer, alguns anos depois da morte de George Klein. Quanto a Bleger, não aguardou tradução para o inglês pois, como era comum, entre pessoas instruídas da América Latina, Bleger lia autores franceses em seu idioma original, publicando uma obra sobre o filósofo ainda na década de cinquenta (Bleger, 1958).

[7] Ver nota 2.

por uma visão fenomenológica (Sastres, 1979). Claro que essa é uma crítica que podemos considerar como ultrapassada, na medida em que se fortaleceu a percepção de que a psicanálise, pensada à luz da abordagem relacional contemporânea, pode se articular de modo fecundo com a fenomenologia (Finlay,2009; Karlsson, 2010), pois já se superou a ideia de que a primeira estudaria o inconsciente e a segunda a consciência, como se esses dois termos correspondessem a duas "coisas" absolutamente separadas entre si. Na verdade, a própria metapsicologia clássica propõe o inconsciente diferenciando-o da consciência, enquanto, por outro lado, a fenomenologia, sendo fiel a si mesma, defronta-se com fenômenos que só podem ser compreendidos se vinculados a uma experiência que não é autoconsciente, mas efetivamente vivida de modo anterior à reflexão.

Bleger (1958; 1963/2007;1966/2004) concebia a clínica psicanalítica de um modo ampliado, que ultrapassava os limites do enquadre padrão do tratamento individual do paciente neurótico. Por este motivo, considerava que o psicólogo deveria assumir uma atuação diferenciada e não restrita ao consultório privado, a ser exercida em instituições e na comunidade, em vertentes curativas e preventivas. Em qualquer dessas modalidades, a prática psicológica psicanaliticamente orientada se concretizaria como encontro inter-humano, cuja compreensão requereria conhecimentos a serem produzidos segundo um paradigma epistemológico de tipo intersubjetivo, no qual não haveria lugar para especulações metapsicológicas. Sendo assim, de acordo com o pensamento blegeriano, o uso do paradigma sujeito-objeto, que sempre demanda níveis elevados de abstração, vale dizer, de afastamento da concretude do viver, não resultaria, quando usado nas ciências humanas, em benefícios reais, como ocorre quando usado nas ciências naturais.

Além disso, esse autor também argumentava epistemologicamente no sentido de reconhecer a altíssima complexidade do fenômeno humano, que correspondia, por si só, a uma das esferas ontológicas admitidas pelo materialismo dialético, conforme vieram a ser posteriormente sistematizadas por Lúkacs (1978/2013). Desse modo, justificava um posicionamento segundo o qual

a realidade complexa, multifacetada e contraditória, dos atos humanos, requereria que múltiplas ciências humanas compartilhassem o mesmo objeto de estudo. Sendo assim, cada campo disciplinar consideraria este ou aquele conjunto de aspectos, características ou qualidades dos atos humanos, configurando diferentes

recortes na abordagem da mesma complexidade.

Cabe, aqui, perguntar se a psicanálise seria uma das ciências humanas. A resposta seria negativa, quando dada a partir da psicologia psicanalítica concreta. Embora dê a impressão de que acreditava que a psicologia caminharia para uma síntese, entendendo suas várias tendências como momentos de um processo, parece-nos correto afirmar que Bleger (1963/2007) assume posição que coincide com a de Politzer (1929/2003), considerando que a metapsicologia, que é um discurso sobre um psiquismo objetivado, em terceira pessoa, deveria ser substituída por uma psicologia em primeira pessoa. Coerentemente, ambos se colocaram a favor da constituição da psicologia como ciência humana e pela instalação de cadeiras de psicologia nas universidades. Nessa linha de pensamento, coincidem, também, ao considerar a psicanálise, o comportamentalismo e a Gestalt como referenciais teóricos[8], mas não como ciências independentes. Esse posicionamento é não apenas epistemologicamente coerente como também contribui para um fortalecimento acadêmico e profissional da psicologia[9].

No contexto concreto, a ideia de uma ciência, que tomaria o inconsciente, que de fato é um constructo teórico, como objeto de estudo, não se sustentaria. Diversamente, uma psicologia em primeira pessoa, atenta à experiencia emocional vivida, segundo este ou aquele referencial compreensivo, seria o melhor caminho para a produção de conhecimento nessa área, dada a alta complexidade do fenômeno humano. Podemos inclusive convir, à luz do texto primoroso em que Fulgêncio (2022) aborda as diversas teorias psicanalíticas sobre o desenvolvimento humano, que a adoção e explicitação de referenciais teóricos seja uma medida que enriquece os processos de pesquisa, na medida em que permitem intercâmbio de ideias entre estudiosos que se debruçam sobre questões e fenômenos que, quando não são exatamente os mesmos, encontram-se muito próximos.

Para dar conta da complexidade fenomênica característica da esfera do ser social, Bleger (1963/2007) estuda os atos concretos dos seres humanos em âmbitos individual ou coletivo, referindo-se a eles como conduta - um termo oriundo da

[8] Bleger (1963/2007) considera ue os referenciais teóricos são indispensáveis no campo das ciências humanas porque nelas sempre se parte de um conjunto de concepções sobre o ser humano.

[9] Lembremos aqui a valiosa contribuição de Bleger (1958;1963/2007; 1966/2004) na configuração da profissão de psicólogo, na Argentina, desde sua brilhante e memorável atuação como docente da Universidade de Buenos Aires. Roudinesco (2003) apontou que os cursos de graduação, bem como os programas de pós-graduação, têm sido bastante importantes no desenvolvimento da psicanálise no Brasil. Essa observação nos parece válida até hoje.

conduite da psicologia francesa (Lagache, 1948/1986). A definição de conduta, no sentido blegeriano, ao seguir estudos franceses, não se confunde com o *behavior* dos autores americanos, já que insiste na alta complexidade dos atos humanos, concebendo-os como inerentemente vinculares e inevitavelmente inseridos em contextos macrossociais. Além disso, o termo conduta refere atos humanos, sejam expressos de modo simbólico, corporal, de atuação no mundo externo ou como produtos da atuação dos seres humanos no mundo externo que, quando abordados pela psicologia psicanalítica concreta, serão considerados como experiência vivida emocionalmente, ou seja, como drama, no sentido politzeriano do termo.

Para acessar a dimensão do drama vivido, torna-se necessário, nessa perspectiva, compreender sobre quais substratos afetivo-emocionais, campos psicológicos ou, ainda, campos de sentido afetivo-emocional, fundamentam-se os atos humanos. Tais substratos são propostos interpretativamente e aceitos, sempre provisoriamente, quando conferem inteligibilidade suficiente às manifestações, tornando-as humanamente compreensíveis. Articulam-se ao redor de crenças imaginativas, de caráter fantasioso, que nem sempre são conscientes, embora não sejam inconscientes no sentido do representacional recalcado. Sendo assim, quando estudamos condutas, vale dizer, manifestações ou atos humanos, na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, tornamo-nos capazes de produzir conhecimento compreensivo ao criar/encontrar campos de sentido afetivo-emocional a elas subjacentes.

Claro está que quando atendemos pacientes, usando a psicologia psicanalítica concreta como referencial, buscamos também conhecer[10] os campos de sentido afetivo-emocional subjacentes às suas condutas, focando sua singularidade individual. Por outro lado, quando nos interessamos pelo estudo de sofrimentos sociais, que atualmente se tem feito cada vez mais claros e frequentes, torna-se indispensável, a nosso ver, o estudo de imaginários coletivos, que se tem revelado, em nossas pesquisas, como a forma por meio da qual variados modos de opressão são inoculados nas pessoalidades individuais e coletivas.

Temos usado, quando investigamos imaginários coletivos, variados tipos de material de pesquisa, que incluem entrevistas coletivas, com ou sem uso de

[10] Esse conhecimento não se traduz obrigatoriamente como verbalização interpretativa, podendo, em enquadres diferenciados, servir como orientação ao provimento do tipo de *holding* requerido a cada situação (Aiello-Vaisberg, 2004).

mediadores, manifestações de internautas e produções artísticas e culturais. Por essa via, entramos em contato com crenças imaginativas a partir das quais indivíduos e coletivos organizam seus atos concretos, sob jugo ou libertando-se de opressões. Recentemente, um de nós[11], teve a boa ideia de usar um tipo particular de conduta, o sonho, habitualmente associado ao âmbito puramente individual, para pesquisar imaginários coletivos. Sendo assim, elaborou um projeto de pesquisa que se articulou ao redor do estudo de sonhos de internautas. Complementarmente, a experiencia anterior da primeira autora, que já tinha utilizado sonhos de gestantes como material de pesquisa (Aiello-Vaisberg, 1999), já a colocara em condições de comprovar que é possível trabalhar psicanaliticamente com sonhos fora do dispositivo de atendimento clínico. Assim, passamos a pedir a internautas que nos enviassem relatos de sonho, bem como o motivo pelo qual consideravam esse relato significativo.

As respostas, que recebemos dos internautas, foram abordadas pelo coletivo de pesquisa[12], integrado por pessoas versadas no uso do método psicanalítico em pesquisa, tendo em vista cumprir as exigências do procedimento investigativo de interpretação do material de pesquisa. Pautamo-nos nas palavras de ordem sugeridas por Herrmann (1979): “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido emergente”, tendo em vista chegar às crenças imaginativas, eventualmente não-conscientes, subjacentes aos relatos dos sonhos.

Não nos surpreendemos com aquilo com que nos deparamos: os relatos de sonhos revelaram-se profundamente fecundos para a pesquisa de imaginários coletivos. A nosso ver, isso ocorre porque o cultivo da atitude fenomenológica, demandada pelo uso do método investigativo da psicanálise, proporcionando o desejável desapego da teoria freudiana clássica sobre os sonhos, permite que os percebamos como comunicação emocional altamente significativa, a partir da qual podemos iniciar um movimento compreensivo na direção das crenças imaginativas *habitadas* por pessoalidades individuais e coletivas. Porque, é bom lembrar, os imaginários coletivos são formados a partir de atos humanos e, por seu turno, tornam-se ambientes a partir dos quais novos atos podem emergir, seja apresentando caráter meramente reprodutor, seja apresentando caráter transformador da vida humana. Não são pura e simplesmente produtos da capacidade imaginativa humana, mas

[11] Referimo-nos ao primeiro autor.
[12] Referimo-nos ao Grupo de Pesquisa USP/CNPq Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade, liderado pela primeira autora e por Sueli Regina Gallo-Belluzzo.

tornam-se o lugar psicológico em que vivemos.

Finalizamos afirmamos nosso propósito de explorar esse novo veio de material de pesquisa sobre imaginários coletivos, esperando ainda contribuir para uma maior compreensão da experiência vivida no conturbado período histórico pelo qual hoje atravessamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999) Sonhos de Nascimento e Preocupação Materna Primária. *Psyché,* 3(4): 131-143

Aiello-Vaisberg, T. (2004) *Ser e Fazer: Enquadres Diferenciados na Clínica Winnicottiana*. São Paulo: Ideias e Letras

Aiello-Vaisberg, T. & Granato, T.(2006) *Ser e Fazer na Clínica Winnicottiana da Maternidade*. São Paulo: Ideias e Letras

Bleger, J. (1958) *Psicoanalysis y Dialéctica Materialista.* Buenos Aires: Paidós

Bleger, J. (2007) *Psicologia de la Conduta.* Buenos Aires: Paidós (Original publicado em 1963)

Bleger, J. (2004) *Psicohigiene y Psicologia Institucional* Buenos Aires: Paidós (Original publicado em 1966)

Finlay, I. (2009) Ambiguous Enconters: A Relational Approach to Phenomenological Research. *The Indo-Pacific Journal of Phenomenology.* 9 (1), 1-17

Freud, S. (2019) *Interpretação dos Sonhos.* Obras Completas. Volume 4 São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1900)

Freud,S. (2020*) Análise Terminável e Interminável.* Obras Completas. Volume 19. São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1937)

Fulgencio, L. (2022) *Teorias Psicanalíticas do Desenvolvimento.* São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda

Galimberti, U. (2023) *Psichiatria e Fenomenologia.* Milano: Feltrinelli (Original publicado em 1979)

Greenberg, J. & Mitchel. (1983) *Object Relations in Psychoanalytic Theory.* Cambridge: Harvard University Press

Karlsson, G. (2010) *Psychoanalysis in a New Light.* Cambridge: Cambridge University Press

Klein, G. (1976) *Psychoanalytic Theory: An Exploration of Essencials.* New York: International Universities Press

Lacan, J. (1978) *De la Psychose Paranoiaque dans ses Rapports avec la Personnalité.* Paris: Seuil (Original publicado em 1932)

Lacan, J. (1992) *O Avesso da Psicanálise. O Seminário 17.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Original publicado em 1969)

Lagache, D. (1986) La Psychanalyse Envisagée comme Analyse de la Conduite. *La Folle du Logis.* Paris: PUF (Originalmente publicado em 1948)

Liberman, A. (2014) Stephen A. Mitchell y el Psicoanálisis Rioplatense Classico (Bleger): algunas convergências. *Clinica y Investigación Relacional,* 8 (1):51-60

Lukács, G. (2013) Para uma Ontologia do Ser Social. São Paulo: Boitempo (Original publicado em 1978)

Mariguela, M.A. (2005) *Jacques Lacan, o Passador de Georges Politizer: Surrealismo e Psicanálise*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP

Merleau-Ponty, M. (1976) *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard (Original publicado em 1945)

Mitchell, S. A. (1988) Relational Concepts in Psychoanalysis: An Integration. Cambridge: Harvard University Press

Politzer, G. (2003) *Critique des Fondements de la Psychologie.* Paris: PUF (Original publicado em 1929)

Politzer, G. (1994) *Critique of the Foundations of Psychology: The Psychology of Psychoanalysis.* Pittsburg: Duquesne University Press

Roudinesco, E. (2003) . État de l'Arte: La Psychanalyse dans le Monde. In Major, R. (Org) *États Genereaux de la Psychanalyse*. Paris: Aubier Montagne.

Sastres, C (1974) La Psicologia de la Conducta: Psicoanálisis y fenomenologia. *La Psicologia, Red Ideologica*. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporaneo

‘